

ANTÔNIO JOÃO

Ao ilustre amigo Cel. José Góes de Campos Barros

HENRIQUETA GALENO

Antônio João é um nome que não pode e nem deve ser esquecido enquanto palpitar um coração de brasileiro.

O acendrado amor à pátria levou Antônio João a realizar um ato de tão extraordinário heroísmo que o imortalizou.

O nosso biografado de hoje nasceu em Poconé, Estado de Mato Grosso, aos 22 de janeiro de 1822. Não tinha muito gosto para os estudos, daí não conseguir fazer o curso da Escola Militar, frequentando-a, porém, como ouvinte.

Sofreu alguns revezes que lhe amarguraram a vida, dentre estes o do lastimável incidente com um superior militar que foi ferido na luta e Antônio João submetido a julgamento sofreu pena de prisão por um ano.

O que lhe escasseava em estudos, sobejava-lhe em ações prontas e decididas. Certa vez, num gesto de entranhado amor à terra natal, ofertou-lhe parte dos seus honorários em prol do seu engrandecimento. Este elevado gesto foi bem compreendido pelo Governo Imperial que agraciou o generoso patriota.

A um soldado dessa têmpera é que foi confiada a defesa da Colônia Militar de Dourados, situada ao sul da província de Mato Grosso.

Antônio João Ribeiro, caráter forte, destemido, valente, cumpridor do dever, desenvolveu os maiores lances de bravura na defesa de sua Colônia. Foi realmente um fato memorável do qual vamos nos ocupar.

No início da Guerra do Paraguai, em 1864, no mês de dezembro, deu-se a invasão paraguaia ao sul da desguarnecida província de Mato Grosso. O plano do inimigo era tomar e guarnecer com suas tropas as Colônias de Dourados, Miranda, Nioac e a Vila de Miranda, assim como apoderar-se de Coimbra e Corumbá. Após estes feitos, as duas colunas paraguaias sob as ordens dos Generais Barrios e Resquin, reunir-se-iam e marchariam para a tomada de Cuiabá.

Lastimável era a situação para a defesa daquela província que, conforme nos informa seguramente Genserico de Vasconcelos, contava no momento, apenas «com 590 homens combatentes, realmente prontos, inclusive os oficiais, era êste o efetivo. E êstes homens estavam distribuídos em numerosos destacamentos, espalhados por todo o território da província.

A fôrça pluvial compunha-se de seis pequenos vapores: Amambá, Cuiabá, Corumbá, Alfa, Jauru e Paraná. O único armado era o Amambá, que montava duas bôcas de fogo. O Paraná estava em censerito. Esta era a situação geral da nossa província». Avalie-se a situação particular de cada uma de suas colônias.

O Major Urbietta recebe ordens do Gal. Resquin para marchar à frente de 220 homens sobre a Colônia de Dourados e dela tomar posse. Esta Colônia, conforme nos esclarece Genserico de Vasconcelos, «foi fundada no Ministério Caxias, em 10 de maio de 1861, em lugar aprazível e fértil, sobre um chapada na margem direita do primeiro e maior dos três braços que formam o rio dos Dourados, entre-cortados por capões e vertentes que se vão encontrar no principal braço do rio. Fica abaixo do dorso da serra de Maracajú, em uma distância de 4 a 5 léguas entre êste rio e o Ivinheima, Paraná e Iguaçemi e elevação da mesma serra para o lado do nascente, na distância de 12 léguas de Miranda, rumo geral do sul.»

Estava no comando militar da Colônia o tenente de cavalaria Antônio João Ribeiro, com um destacamento apenas de 15 soldados. Crisá incrível! 15 homens contra 220!

Foi a 28 de dezembro de 1864 que o soldado encarregado de vigiar a aproximação dos inimigos corre sôfrego com a notícia de estar muito próximo grande formação paraguaia. Antônio João não perde tempo: traça num retalho de papel estas memoráveis palavras: «Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirão de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria». Por um dos soldados de sua maior confiança mandou entregar êste bilhete ao Tenente Coronel Dias da Silva, Comandante do Distrito Militar de Miranda. Infelizmente esta mensagem não foi entregue ao destinatário, por ter sido o portador aprisionado pelas tropas paraguaias que já dominavam aquêles arredores. Só mais tarde o próprio Comandante Urbietta, num gesto digno, a transcreveu na sua mensagem militar.

Antônio João assim se preparou para aquela heróica luta: ao receber aviso da aproximação do inimigo, fez sair incontinenti da colônia os habitantes velhos, mulheres, crianças e inválidos para o serviço militar, esclarecendo a situação aos companheiros e declarando que defenderia o seu posto até a morte,

E os paraguaiois já vinham se aproximando, numerosos, com suas blusas vermelhas, como vermelho era o seu ódio naquela refrega.

Antônio João reuniu os companheiros, animou-os com palavras ardentes de patriotismo e dispostos e preparados aguardaram os acontecimentos que estavam iminentes. Apenas 24 horas haviam decorrido da fuga dos habitantes da Colônia, quando ali chega a intimação do Major Urbietta para que Antônio João se rendesse. Este, altivo e resoluto argue o parlamentar: «Trás ordem do Govêrno do Brasil para que eu me renda cu entregue a praça?»

— Não, mas devo tomá-la pelas armas, foi a resposta.

— Então retirem-se, porque eu só recebo ordens dos meus superiores.

Logo que o enviado chegou com a resposta de Antônio João o cêrco se fez em todo o território da Colônia. Foram horas angustiantes que viveram aquêles heróis na defesa do posto de Dourados.

Em meio àquele terrível momento Antônio João, conforme nos diz Taunay, pergunta aos denodados companheiros:

— Estão todos prontos?

— Todos! responderam unânimes.

— Então amparem-se com Deus, porque ninguém se entrega.

— Ninguém? repetiram todos.

Rompeu então a fuzilaria, ao som das palavras vibrantes de Antônio João:

— Preparar! Apontar! Fogo!

Ouviu-se no ar o fragor de 15 detonações secundado pelo estam-pido tremendo de 220. Na segunda carga os inimigos não ouviram resposta. Cautelosos, aproximam-se, silêncio absoluto. Entram e o quadro que se lhe depara é de uma grandeza eloquente: Antônio João atravessado de balas jazia morto numa poça de sangue, como jaziam todos mortos os seus denodados companheiros.

O quadro era por demais tocante e os próprios inimigos estacaram surpreendidos. O Comandante Urbietta, num gesto humano de respeito a tamanho heroísmo, transcreveu em seu relatório aquêlê bilhete de Antônio João, que representa o testemunho de extraordinário patriotismo.

Na valiosa obra da autoria do Cel. Lima Figueiredo, «GRANDES SOLDADOS DO BRASIL», encontramos transcritas estas belas palavras de D. Aquino Correia, recentemente falecido, sôbre o nosso herói:

«O guerreiro espartano de que tanto se ocupou a Historia, Leônidas, foi, por certo, um forte, mas teve a protegê-lo o desfiladeiro das Termópilas. Antônio João, em vez, enfrentou a onda inimiga no desamparo de pleno descampado! As suas Termópilas foi êle próprio, a montanha estava no seu peito; foi a elevação do seu amor à

Pátria, foi a coragem granítica da sua bravura de soldado !»

Antônio João, afirmamos, é um dos maiores e mais dignificantes exemplos de heroísmo brasileiro.

O primoroso poeta D. Aquino Correia assim saudou Antônio João e o seu heróico feito :

Salve, margens do Dourados !
Salve, heróico Antônio João !
Salve, intrépidos soldados
Do meu pátrio pavilhão !

Éreis quinze, e como fostes
Arrostar a morte assim,
Resistindo contra as hostes
Tão pcssantes de Resquin ?

Não importa ! ✕ santa a liça !
E soldados do Brasil,
Pela causa da justiça,
Um se bate contra mil !

E sustastes a investida
Como um grupo de leões,
Té que um hálito de vida
Palpitou nos corações !

Esmagados, não vencidos,
Sucumbis, mas como heróis,
Que, ao tombar, já vão cingidos
Por um nimbo de arrebois.

Sangue e vida, tudo, ufanos,
Pela Pátria desdenhais ;
Sois os nossos espartanos
Nas Termópilas natais !

E a ti, bravo, cuja fama
Há de sempre fulgurar,
Mato-Grosso já te aclama,
Seu Leônidas sem par !

Tu, o chefe dêses grandes,
O Ribeiro nobre e audaz,
Mais que o píncaro dos Andes,
O teu nome elevarás !

E na lápide marmórea,
Que se erguer ao teu ideal,
Brilhará, em toda glória,
O teu cântico imortal.

«Sei que morro, mas meu sangue
E o dos meus protestarão,
No baquear do corpo exangue,
Contra o assalto ao meu torrão!»

Salve, margens do Dourados!
Salve, heróico Antônio João!
Salve, intrépidos soldados
Do meu pátrio pavilhão!

Homenageemos a memória imperecível de Antônio João.

(Do livro em preparo: HERÓIS BRASILEIROS).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA: A Guerra do Paraguai no Teatrc
de Mato-Grosso — Genserico de Vasconcelos.
Grandes Soldados do Brasil — General Lima Figueiredo.
Leituras Militares — Osório Duque Estrada.
Poesias — D. Aquino Correia.

Fortaleza, Ceará, abril de 1956.